

FAZENDO O QUE NOSSO PAI DIZ

Luis Palau

Mais de 90 pessoas participavam da busca por Dominic DeCarlo, um garoto de oito anos que se perdera em um barranco de uma montanha coberta de neve. Dominic estava esquiando com o pai quando, sem perceber, saiu da pista de esqui.

A cada hora que se passava, a preocupação da equipe de busca e da família aumentava.

A madrugada aproximava-se, e nem sinal do menino. Dois helicópteros uniram-se à busca e, em 15 minutos, encontraram o rastro dos esquis. A equipe terrestre seguiu aquele rastro que, depois, transformou-se em pegadas. As pegadas iam diretamente para uma árvore, e ali estava o menino.

- Ele está ótimo! - o sargento Terry Silbaugh, coordenador da equipe de resgate, anunciou à ansiosa família e à imprensa. - Na verdade, está melhor do que nós!

A assessora de imprensa do hospital disse que as condições de saúde do menino eram tão boas que ele nem precisou ser internado.

Silbaugh explicou por que o menino estava tão bem, a despeito de ter passado a noite exposto a um frio congelador. Seu pai havia sido prudente em ensinar ao menino o que fazer, caso se perdesse. O menino confiou no pai e fez exatamente o que ele lhe ensinou.

Dominic protegeu-se de um possível congelamento dos dedos e das orelhas e, também, de hipotermia, aconchegando-se a uma árvore e cobrindo-se com seus galhos. Sendo ainda criança, nunca teria tido essa ideia sozinha. Estava simplesmente obedecendo a seu sábio e amoroso pai.

Muitas vezes pensei em Dominic. Ele é uma grande ilustração da influência positiva e salvadora que um pai pode ter sobre o filho. Meu próprio pai faleceu quando eu era somente um pouco mais velho do que Dominic. No entanto, ninguém mais teve uma influência tão profunda na direção de minha vida.

Quando garoto, praticamente idolatrava meu pai. Gostava de dizer que meu nome era "Luis Palau Jr.". Ele era o meu ideal de homem, embora fosse quieto e humilde para uma pessoa de tamanha importância na igreja e na comunidade. Seu orgulho pelo evangelho e sua ousadia em compartilhá-lo marcaram minha vida.

Meu pai era coerente: a mesma pessoa que era em casa era na igreja. Ele se levantava bem cedo nas manhãs de inverno para colocar lenha no fogão. Eu deveria estar dormindo, mas saía da cama só para vê-lo andar pela casa. Caso observasse por algum tempo, eu o veria entrar em seu escritório - um pequeno compartimento que ele construía em uma das laterais da casa - e ajoelhar-se.

Naquele tempo, não tínhamos calefação central, por isso ele se enrolava em um cobertor ou poncho. Ele lia a Bíblia e orava antes de sair para trabalhar. Eu ainda não tinha sete anos, mas já me sentia protegido e grato por meu bom pai.

Um dia, ele me contou que lia um capítulo de Provérbios por dia e, como o livro tinha 31 capítulos e há 31 dias na maioria dos meses, ele lia repetidamente o livro durante todo o ano.

Seu exemplo ficou gravado em mim, e ainda tento praticá-lo.

Conto essa história a amigos e associados, e muitos deles fazem o mesmo.

Além dos estudos bíblicos e leituras que faço, procuro começar o dia com um capítulo de Provérbios e, muitas vezes, o leio de joelhos.

A lembrança de meu pai marcou minha vida para o bem.

Graças a Deus pelos bons pais!